

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**LICENCIATURA EM TEATRO**

**EXPECTATIVAS, MOTIVAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES:  
UM OLHAR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A AULA DE  
TEATRO**

**LUÍSA MAURER HERTER**

**PORTO ALEGRE  
DEZEMBRO/2010**

**LUÍSA MAURER HERTER**

**EXPECTATIVAS, MOTIVAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES:  
UM OLHAR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A AULA DE TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão de Graduação  
do curso de Licenciatura em Teatro do  
Departamento de Arte Dramática, da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul como requisito parcial e obrigatório  
para obtenção ao título de Licenciado em  
Teatro.

Orientação:  
Profa. Dra. Mirna Spritzer.

**PORTO ALEGRE  
DEZEMBRO/2010**

A consciência de si como ser inacabado necessariamente inscreve o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. (FREIRE, 2010, p. 57).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>9</b>
POR QUE TEATRO?.....	9
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>14</b>
QUANDO O TEATRO ME MARCOU... ..	14
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>19</b>
SABER TEATRAL: FORMAÇÃO DE CONCEITO.....	19
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>22</b>
AS TRANSFORMAÇÕES QUE O TEATRO POSSIBILITA.....	22
<b>CAPÍTULO V.....</b>	<b>27</b>
O QUE MUDOU NO MEU PENSAMENTO SOBRE TEATRO?.....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho partiu da minha vontade em compreender melhor a relação de ensino e aprendizagem de teatro no meio escolar. Meu interesse de estudo iniciou no 5º semestre do curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual os alunos se aproximam da docência. Na disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro, ministrada pela Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos, os alunos da licenciatura fazem um aprofundamento em grandes teóricos da educação e do teatro, como Jean Piaget, Paulo Freire, Viola Spolin, Ingrid Koudela, Augusto Boal, entre outros. É a partir desses estudos que os futuros professores iniciam uma reflexão em grupo e individual sobre a condição de professor e ainda os pressupostos para preparação de aula neste campo.

No primeiro semestre de 2009, quando cursava essa disciplina, recebemos aproximadamente quinze alunos do Ensino Médio do Colégio Júlio de Castilhos que vinham ao Departamento de Arte Dramática da UFRGS ter uma experiência teatral. Esse foi o momento em que nós, jovens estudantes e futuros professores de teatro, colocamos nossos estudos em prática.

A oficina chamada de “Degustação Teatral” oferecida aos alunos do “Julinho”, como o Colégio é conhecido na cidade, contava com um total de seis encontros, um por semana. Cada aula era preparada e conduzida por três alunos da disciplina já mencionada para aquele grupo de estudantes do Ensino Médio. Aos demais alunos da disciplina cabia a responsabilidade de observar detalhadamente a proposta dos colegas e de analisar a execução, condução e repercussão de cada aula. Assim, o trabalho era compartilhado por todos, os professores do dia e os observadores, responsáveis pelo “*feedback*”.

Nessa primeira experiência de preparar e conduzir uma aula de teatro observei que, na maioria das vezes, havia uma preocupação em excesso, minha e de meus colegas, com as propostas. Nós queríamos propor os melhores exercícios, os melhores jogos e a melhor aula, na qual cada colega queria ensinar o que melhor sabia. Percebo que começávamos a pensar como professores e nos colocávamos nos dois papéis do processo. Experimentávamos a reflexão de Paulo Freire (2010, p. 23):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Neste momento comecei a me questionar sobre qual a motivação que levava aqueles alunos aos encontros teatrais. Então, busquei aprofundar a seguinte questão: Quais as expectativas e motivações dos alunos em relação à aula de teatro? Desta forma, esse é o foco principal do meu trabalho, para assim compreender melhor a relação deles com o aprendizado em teatro.

## **METODOLOGIA**

Para a realização dessa pesquisa escolhi uma investigação a partir do ponto de vista de jovens alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, da UFRGS, que optaram pelo teatro como arte. A escolha por essa escola foi por ser um colégio público, de ensino gratuito e de excelência em qualidade, além de contar com ótimos professores na área das artes. A opção pelo Ensino Médio se deve ao fato de que durante o Ensino Fundamental os alunos dessa escola recebem um embasamento teórico e prático nas três artes (visuais, música e teatro) durante dois períodos semanais consecutivos de 45 minutos.

Escolhi esses sujeitos, porque a maioria deles tem aulas regulares de teatro desde a 5ª série e assim, já têm um maior entendimento sobre o fazer teatral. Além disso, nessa escola, os alunos a partir do primeiro ano do Ensino Médio devem optar por uma das artes para estudar, sendo este um dos meus focos de estudo: compreender a escolha desses alunos pelo teatro.

Para desenvolver essa pesquisa, optei pela entrevista semi-estruturada, na qual o investigador tem uma lista de tópicos a serem respondidos, como se fosse um guia. Esse modelo de entrevista tem relativa flexibilidade, pois as questões não precisam seguir a ordem prevista e poderão ser formulados novos questionamentos no decorrer da conversa, com o objetivo de esclarecer e aprofundar pontos trazidos pelo entrevistado, a partir de um roteiro previamente pensado. Assim, as principais vantagens da entrevista semi-estruturada são a possibilidade de acesso à informação além do que se listou, esclarecer aspectos da entrevista e gerar pontos de vista.

Nesse sentido, organizei algumas perguntas abrangentes sobre a experiência teatral desses sujeitos. O roteiro constou das seguintes perguntas:

1. Por que tu escolheste teatro entre as outras artes?
2. Qual a tua experiência mais marcante com o teatro?
3. Tu pretendes fazer alguma coisa de teatro quando saíres da escola?
4. Em algum momento tu percebeste que o teatro tem importância na tua vida?  
Mudou alguma coisa nela?
5. O que tu achas que sabes de conteúdo de teatro?
6. Tem alguma coisa que tu queiras dizer que eu não tenha te perguntado?

Para a realização dessas conversas encontrei os alunos no Colégio de Aplicação, em momentos que não estavam em aula, como na hora do recreio e em períodos livres. Procurei tranquilizar os alunos antes de iniciar a entrevista, explicando que se tratava de uma conversa informal e que eles deveriam responder da forma mais sincera possível.

As entrevistas foram realizadas individualmente para favorecer um diálogo aberto, para que cada aluno pudesse falar de forma espontânea sua visão sobre a aula de teatro. Uma conversa coletiva poderia, de alguma maneira, intimidar alguns alunos ou influenciar as respostas, e isso de forma alguma seria interessante para o trabalho.

No momento dos encontros com os entrevistados percebi a importância da flexibilidade que a entrevista semi-estruturada proporciona, porque a partir do que os alunos me contavam eu ia redirecionando e criando novos questionamentos. Algumas perguntas que surgiram nas primeiras entrevistas foram incluídas no roteiro como, por exemplo, a pergunta: Tu consegues perceber alguma diferença entre teus colegas que fazem teatro e os que não fazem?

As entrevistas foram realizadas com doze alunos do Ensino Médio, com duração aproximada de quinze minutos, sendo todas gravadas para possibilitar outras escutas e novas percepções do que os alunos diziam. Durante a conversa, procurei intervir o mínimo possível, já que o meu objetivo era entender as expectativas e motivações dos alunos.

O passo seguinte foi a transcrição de todas as gravações. Durante a escuta do material gravado, classifiquei as falas em categorias de assuntos, para assim organizar melhor o trabalho. Os nomes dos entrevistados que aparecem no decorrer da escrita são fictícios, para preservar a identidade dos sujeitos, sendo essa uma atitude de respeito a eles pela contribuição à pesquisa.

Vinculado a isso, estava o meu estudo teórico, no qual encontrei base e auxílio em autores como Viola Spolin, Paulo Freire, Sandra Chacra, Peter Brook, Mirna Spritzer, Vera Lúcia Bertoni dos Santos, entre outros pensadores da educação e do teatro. O último momento dessa investigação foi a análise das entrevistas e a apropriação do Trabalho de Conclusão de Curso.



## CAPÍTULO I

### POR QUE TEATRO?

*“Porque eu adoro teatro. Esse ano eu até pensei em não escolher, mas daí eu pensei que no final do ano vai ter todas as apresentações e eu vou ficar olhando na platéia, eu não vou conseguir ficar olhando, eu preciso fazer, eu gosto de estar no palco, de ficar fazendo” (Patrícia, 17 anos).<sup>1</sup>*

A primeira pergunta que eu fiz aos entrevistados foi: por que teatro? Com ela gostaria de compreender por que os alunos do Colégio de Aplicação, após um embasamento teórico e prático no Ensino Fundamental, escolheram o teatro como opção de arte no Ensino Médio. Essa era para mim uma questão extremamente instigante: Entender o que os motiva nessa escolha? O que o teatro tem que os interessa? Enfim, por que teatro?

Respondendo a minha pergunta, escutei diversas justificativas, todas defendendo o teatro como a mais interessante. As respostas vinham cobertas de sonhos, de percepções, desejos e expectativas.

Uma aluna contou-me que desde pequena pensava em ser atriz, mas que acha a carreira artística muito difícil *“Tem que se dedicar muito”* (Thaís, 17 anos), disse-me ela. Apesar de supostamente ter desistido da carreira profissional, essa jovem fala do teatro com muita certeza e entusiasmo: *“Eu escolhi o teatro, porque acho ele o melhor. Acho melhor trabalhar o corpo, se expressar, do que ficar pintando ou cantando.”*

Ao falar sobre o trabalho corporal acredito que essa aluna se baseia na grande importância que é dada a expressão corporal, principalmente na sala de aula. Em grande parte das oficinas que fiz fora do Departamento e mesmo na prática da graduação, assim como nas aulas que observei em colégios durante meu estágio da licenciatura, percebi que na maioria há um trabalho principalmente focado no corpo. Usualmente as aulas iniciam com um aquecimento, seguido por jogos (na maioria, físicos) que trabalham a disponibilidade e expressividade do corpo. Por isso, acredito que quando falam da opção pelo trabalho corporal, os alunos estão baseados nas suas vivências em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Todos os trechos da fala dos alunos aparecem entre aspas e em itálico.

O interesse da aluna Thaís, 17 anos, pela arte dramática fica claro durante toda a entrevista, por suas inquietações, sugestões e por suas palavras: *“Quando sair do colégio pretendo continuar teatro em um curso.”*. Dos doze entrevistados, duas alunas mostraram grande interesse em seguir no teatro como profissão, apesar de apresentarem receio por achar a carreira arriscada. A maioria dos demais alunos pensa em continuar em cursos e oficinas e manter o teatro como um lazer, sem almejo profissional. Outros dois alunos gostam do teatro, mas pensam que depois do colégio não terão mais contato.

Nas entrevistas foi falado diversas vezes que o teatro além de ser um aprendizado é também uma diversão. A jovem Milena de 16 anos disse-me que achava o teatro o mais legal, porque tem mais contato com os outros, além de ser mais divertido. Relacionar o teatro ao divertimento está vinculado ao caráter descontraído da aula e também, com jogo, com a brincadeira e com o lúdico presente constantemente no teatro.

Outra decisão pelo teatro foi por reconhecer nele uma oportunidade de superação e transgressão. Alguns entrevistados fizeram a escolha por acreditar que no teatro eles poderiam se desinibir e aprender a lidar com a timidez. Uma aluna disse: *“Eu achava que o teatro ia ser bom pra mim pra me desinibir mais, me soltar mais, daí eu escolhi pelo teatro.”* (Viviane, 17 anos). Muitas vezes o teatro é visto como essa possibilidade de trabalhar algumas dificuldades pessoais. Isso se deve ao fato de que há muitas atividades e improvisações em conjunto, exercícios preparatórios para um trabalho mais individualizado. Como traz Joana Lopes (1989, p. 62):

No exercício dramático, a metamorfose como fenômeno básico (transformação num outro) requer um crescimento da capacidade de abstração, conceituação e descentralização individual, ou seja, um crescimento em direção à comunicação. Diríamos que quanto mais o indivíduo se distancia das evoluções em torno do seu umbigo, mais aumenta seu raio de ação e de sua interferência.

Mônica, 15 anos, falou: *“Porque eu sempre fui uma pessoa muito tímida e eu acho que o teatro me ajuda a me expressar melhor. E é uma aula onde tu tens mais contato com as pessoas, um pouco mais direto.”*. Sobre isso, Viviane argumentou: *“Eu acho que eu consegui me soltar muito mais e também foi bom pra eu me entrosar, pra conversar com quem eu não tinha contato antes e ter um vínculo maior.”*

Nesse caso a aula de teatro é vista também como uma possibilidade de aproximar-se de colegas mais distantes, através de jogos e atividades que acabam por integrar mais o grupo. Em uma aula de matemática ou português, por exemplo, é muitas vezes difícil se aproximar de alguém, pela forma como o espaço está organizado. Ou ainda, porque a turma é poucas vezes estimulada a mesclar os grupos, a fazer trabalhos com colegas distantes. Já na aula de teatro, pela forma como é estruturada, na qual os alunos têm momentos de deslocamento e por isso não ficam sempre sentados, há uma união, uma atmosfera de trabalho em conjunto, na qual se possibilita interagir com todos os colegas, não apenas os mais próximos. Assim, se promove também uma modificação nas relações. Desta forma, é mais fácil de acontecer uma integração de maneira mais espontânea.

Em contraponto a essa opinião, outros alunos pensam que quem escolhe pelo teatro já é mais desinibido, já tem uma facilidade maior de comunicar-se e expressar-se. É o que aparece na fala de Amanda, 15 anos: *“Os colegas do teatro são menos tímidos, tipo a minha melhor amiga daqui do colégio não faz teatro porque ela é tímida, ela mesma diz, ela faz artes.”*. Na visão dessa entrevistada, a maior parte dos alunos mais desinibidos escolhe pelo teatro e os outros, por serem mais tímidos, optam por outra arte.

Algumas escolhas foram motivadas pelo o que o teatro oferece de lúdico, a possibilidade de transformar-se em uma personagem, de colocar figurinos e adereços. Como na visão dessa aluna:

*“Eu sempre gostei de fazer teatro, desde que eu tava na quinta série. Eu sempre tive professoras de teatro que eram muito legais e eu sempre gostei de me apresentar, de encenar, de colocar figurino, de ser um personagem. Eu sempre gostei disso. Eu me considero uma pessoa muito comunicativa, muito falante e tal, e o teatro é onde eu posso expressar isso, sabe? Eu posso fazer o personagem que eu quiser; posso me vestir como eu quiser; me maquiar. E eu acho isso muito legal, assim como na apresentação do final do ano.”* (Gabriela, 16 anos).

Observo que a maior parte dos alunos tem essa expectativa de transformar-se em outra pessoa, de caracterizar-se, de escolher roupas, sapatos, chapéus para os personagens, de organizar um cenário para a cena. Há uma curiosidade e uma motivação, por parte deles, de brincar com o lúdico.

Constantemente nas minhas aulas percebo que sempre que há uma abertura para se caracterizar, eles já saem correndo para o armário de figurinos e adereços. Isso me faz lembrar da primeira vez que tive essa sensação de escolher o que usaria

para um personagem. Eu tinha doze anos e recém começara a fazer um curso de teatro. Lembro perfeitamente quando o professor despejou uma sacola enorme no chão, com tudo que é tipo de coisa para a configuração dos personagens. Era uma sensação de que ali sim eu começava a fazer teatro. Para Stanislavski (1976, p. 43), “A caracterização é a máscara que esconde o indivíduo-ator. Protegido por ela pode despir a alma até o último, o mais íntimo detalhe. Este é um importante atributo ou traço de transformação.”.

A máscara e o figurino, além do auxílio na caracterização do ator em personagem, é uma segurança que permite ao artista poder se libertar e experimentar outras possibilidades. O “se mágico”, exercício conhecido no sistema de Stanislavski, no qual o ator pensa que se fosse determinada pessoa, em outra circunstância, como agiria naquele momento. Esse exercício, assim como vários outros, ajuda nesse processo de transformar-se em outro, pois exercita a imaginação e a improvisação para criação de cena.

Para algumas pessoas o teatro apareceu como um espaço acolhedor e seguro de arriscar, de improvisar, de se permitir. Lá os alunos se sentem à vontade para a experimentação e para o risco, proporcionando a eles um lugar de expressão e criação:

*“É que eu acho que eu me identifico com o teatro, mais do que com música, que eu não me dou muito bem e até porque a aula não é legal. E artes eu não consigo me expressar muito bem em desenho, eu tenho dificuldade. Isso é meio estranho, porque é estranho dizer que eu tenho dificuldade em desenhar uma coisa que eu sinto, mas eu tenho facilidade de mostrar o que eu estou sentindo, porque é diferente né?”*  
(Amanda, 15 anos).

Alguns entrevistados falaram que na aula de teatro é possível inovar e arriscar com segurança, sem medo de julgamento “A vivência da criação artística propicia a experiência do risco, da aventura, da conquista de um caminho próprio” (SPRITZER, 2007, p. 23).

O teatro foi trazido por alguns alunos como a oportunidade de ter uma aula diferente da tradicional, em cadeiras tradicionais na qual o professor fica a frente do quadro. É uma disciplina diferente das demais, por proporcionar ao aluno uma vivência diferente dentro da escola, em um espaço mais livre com maior possibilidade de mudanças. No livro *Catadores da Cultura Visual*, Fernando Hernandez refere que: “Quando as pessoas estão sentadas em cadeiras tradicionais, pensam de modo

tradicional. Se o desejo for o de promover mudanças, é necessário remover o lugar onde estão sentadas.” (HERNANDEZ, 2007, p.11). Mônica, 15 anos, falou sobre isso na entrevista: *“É uma aula diferente das outras, porque música e artes a gente sempre fica sentado fazendo alguma coisa, como a gente fica o dia inteiro e no teatro a gente tem mais mobilidade, então eu optei pelo teatro.”*.

Às vezes o porquê da escolha não aparece tão claramente, mas há um impulso, há um desejo de seguir pelo teatro, sem que se possa esclarecer de forma objetiva. É o caso dessa aluna:

*“Eu me entendo muito no teatro, porque desde que eu comecei eu chego e vou fazendo as coisas. Eu adoro fazer. E eu acho que é o que eu queria seguir até depois. Mas eu sei que é difícil e tal, sei lá um monte de coisas que me impedem. Mas mesmo assim eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu me dou bem em química, essas coisas, mas não sei se eu ia seguir, a não ser teatro. E tipo eu me dou bem [no teatro], eu tento fazer sempre mais. E sempre tem sorteio pra aula de teatro, porque tem mais alunos querendo e eu sempre consigo entrar, sempre dá certo, eu sempre consigo fazer. Tipo música e essas coisas eu também gosto, mas não é que nem teatro. Eu acho que eu me dou bem com o teatro, se é pra fazer, mesmo que eu não saiba eu vou lá e tento, eu acho que eu vou querer seguir.”* (Laura, 17 anos).

No posicionamento dessa aluna a escolha pela arte teatral aparece no meio de muitos pensamentos, inquietações, dúvidas e vontades. Ela não fala claramente o porquê da escolha, mas suas palavras são tão imbuídas de sentimentos que conseguimos compreender perfeitamente porque ela quer teatro: Porque isso a motiva. E de alguma forma cria nela uma marca.

## CAPÍTULO II

### QUANDO O TEATRO ME MARCOU...

*“Aqui no colégio o que eu acho que me marcou foi a peça que a gente fez no Teatro da UFRGS, que eu acho que ninguém que se apresentou esqueceu. Foi na sexta série e a gente apresentou o Saltimbancos. Foi assim: a gente estava na sexta série, nunca tinha trabalhado com texto, e todo mundo decorou, todo mundo fez certinho, foi a mais legal que a gente fez.” (Thais, 17 anos).*

Durante nossa vida passamos por inúmeras histórias e acontecimentos. Mas alguns desses momentos tornam-se marcantes e ficam registrados para sempre em nossa mente. Por serem momentos de felicidade, ou por se ter sentido um medo enorme, ou dor, ou pelo aprendizado que isso proporcionou. Ou ainda, por terem sido momentos de intensa alegria.

Nesse momento da investigação gostaria de saber se os alunos entrevistados já tinham vivenciado alguma experiência marcante com o teatro. As histórias contadas nas entrevistas foram principalmente de três âmbitos diferentes.

O primeiro, e mais apresentado, foi da experiência como ator/atriz no palco, na qual contavam suas histórias marcantes vividas como atores que atuavam em um espetáculo.

Mais de um entrevistado falou da apresentação na Reitoria (Salão de Atos da UFRGS) de *Os Saltimbancos*<sup>2</sup>, dirigido e coordenado pela professora regente Ana Fuchs. Perguntei então a eles o que tinha naquela representação que tanto os marcara. As respostas se aproximavam. Um pouco era pela grandiosidade daquele teatro, somada a uma experiência na qual realmente se sentiam como artistas, que tinham um texto decorado, com uma peça ensaiada e que se apresentavam para um grande e diferenciado público. Digo *diferenciado*, pois, para muitos, essa foi a única apresentação na qual a plateia não era somente composta por colegas e pais. A experiência no palco como atuador foi impactante para muitos entrevistados:

*“Na verdade todas as minhas peças de teatro me marcaram muito, foram muito importantes pra mim. A primeira que eu fiz foi O Picadeiro, que nós éramos clowns e daí era um teatro mudo e era muito legal. A gente queria vaga para entrar no circo e eu era a diretora da companhia de dança das meninas que queriam entrar no circo e nós sentíamos que nós éramos super sensuais para seduzir o cara do circo que tava*

---

2 Os Saltimbancos é um musical de Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov, com versão em português de Chico Buarque.

*abrindo vaga e daí a gente começava a se atrapalhar e ele via que nós éramos palhaços e que não éramos dançarinas. Foi uma peça que me marcou muito.”* (Gabriela, 16 anos).

Acho interessante o relato dessa jovem, pois ela contou com detalhes a peça que encenara. Além disso, percebo a importância da montagem de espetáculos no encerramento do ano letivo ser correspondente ao trabalho desenvolvido durante o semestre, como foi, por exemplo, com a turma dessa jovem que vivenciou uma experiência com *clowns*<sup>3</sup> e que, portanto, a montagem final correspondeu a esse trabalho, e não um simples “teatrinho” de encerramento ou de datas comemorativas:

Essas "festinhas" onde se pretende organizar, segundo a ótica e visão adultas, uma comemoração que nada tem a ver com a criança e/ou adolescente, são meros pretextos para um falso exibicionismo, nem por um momento ligado a uma atividade espontânea, lúdica, solta, do aluno. Querer determinar uma data, um dia, onde a criança possa se expressar é um pouco autoritário. E, se acrescentarmos que nessas ocasiões não há nenhuma atividade expressiva (a não ser a da professora), além do clima histérico que as precede, fica a pedagogia a perguntar muito sobre o porquê dessas realizações...O fato de se revestirem de um aparato solene (tirando todo o caráter de jogo) e o fato de se levarem as crianças a meras repetições estereotipadas têm demonstrado, de maneira inequívoca, que são antipedagógicas e que o caminho não é esse. (ABRAMOVICH).<sup>4</sup>

A experiência com a peça chamada O Picadeiro também foi trazida por outra entrevistada. Perguntei, então, a ela o que havia de especial nessa montagem. Ela me respondeu: *“Foi a gente que montou a peça junto com a professora Ana, então eu acho legal porque trabalha a nossa criatividade, porque nossas idéias estão expostas. Foi um resultado bem legal”* (Sofia, 17 anos). Observo nessa fala a importância do professor desenvolver com as turmas temas que realmente os interessem ao invés de levar um texto pronto idealizado por ele. Vejo a importância na docência em geral, não só no teatro, em trabalhar os conteúdos que devem ser desenvolvidos no semestre em comum acordo com aspectos que motivem a turma. Mesmo o trabalho com um texto dramático pode ser feito contando com a escolha conjunta de alunos e professor. Muitos entrevistados trouxeram, por exemplo, na conversa a vontade de trabalhar com texto dramático:

*“A gente podia fazer mais dramatizações, comédias e tentar buscar mais isso do que fazer só o que está no cronograma, do que estudar pessoas. A gente nunca trabalhou com texto, eu sempre quis muito trabalhar com texto. [...] Então eu só queria entender por que no Colégio a gente tem que seguir tanto o cronograma e não fazer o que a gente realmente quer?”* (Thaís, 17 anos).

3 *Clown* é um termo distinto para designar a palavra palhaço. Existem diferenças entre eles quanto à linha de trabalho.

4 Trecho retirado do texto “Teatro na Educação - O que é, afinal?” Disponível em: <http://www.wooz.org.br/teatroeducacao.htm>.

Entendo essa vontade de alguns alunos em trabalhar com texto como uma expectativa do que eles imaginavam que seria a aula de teatro. Irei desenvolver melhor essa reflexão mais adiante no trabalho.

A aluna Gabriela, 16 anos, ainda contou uma outra vivência que considera importante, quando participou de uma peça que tratava do *bullying*<sup>5</sup>, problemática que aparece com frequência no meio escolar e que às vezes é difícil de abordar:

*“Ano passado a gente fez uma peça abordando o bullying. A gente fez uma peça da Alice, só que na peça a gente fazia a peça, então nós éramos atores que estávamos fazendo a peça da Alice, daí chegava uma atriz nova no grupo e a gente fazia bullying com ela, não queria ela, queria a atriz anterior e foi bem legal também, eu era a Rainha Branca e eu gosto da Rainha Branca, então eu gostei.”* (Gabriela, 16 anos).

Acredito que a aula de teatro possibilita uma abordagem de fatos contemporâneos, que precisam ser discutidos na Escola e que na maioria das vezes são difíceis de trabalhar com os alunos. Esse é um exemplo disso. O *bullying* foi trabalhado de uma forma que trouxe a turma para a discussão do problema. Nessa abordagem, com pedagogia, se conseguiu uma aproximação dos alunos em falar do tema e compreendê-lo de forma interessante, teatralizando-o. Certamente, com essa encenação o grupo apropriou-se mais do debate e refletiu melhor sobre ele, ao invés de uma aula tradicional com cartazes e apresentação eletrônica sobre o assunto:

Reduzir uma atividade expressiva a um mero "audiovisual" das matérias é empobrecer muito as possibilidades dramáticas. Ninguém está dizendo para não o fazer mas que seja de modo equilibrado, permitindo que o aluno incorpore melhor os conceitos, e permitindo também que ele dê a sua visão do mundo, das coisas, que invente, que se divirta. (ABRAMOVICH).<sup>6</sup>

Ainda relacionada à representação teatral, uma aluna descreveu seu momento mais significativo ao conseguir superar uma dificuldade pessoal:

*“A minha primeira apresentação do Cap Em Cena, que tinha uma cena que eu apresentava praticamente sozinha e que eu não fazia nada de muito especial, mas pra mim era muito difícil, porque todo foco estava em mim. [...] Eu era uma repórter que achava dois corpos na rua e eu tinha que fazer uma cara de espanto e tocava aquela música “cri cri cri” [trilha do filme Psicose], era pra ser uma cena de comédia, mas na hora que eu apresentei eu lembro que eu fiquei muito apavorada, porque eu não sabia se as pessoas estavam rindo de mim ou da minha personagem. [...] Então foi uma coisa muito marcante pra mim, porque foi a primeira vez que eu apresentei sozinha, a primeira vez que eu me apresentei em teatro e eu consegui atingir meus objetivos e foi muito legal.”* (Mônica, 15 anos).

A aula de teatro também é um espaço de testar-se, de tentar ir além. Para essa aluna esse momento foi importante por conseguir superar sua dificuldade e

5 *Bullying* é um termo usado para descrever atos intencionais de violência física ou psicológica, principalmente realizado dentro de escola.

6 *Idem* nota 4, p. 14.



apresentar seu trabalho “*praticamente sozinha*”, como ela mesma diz. Outro fator importante foi a recepção do público, que a fez sentir-se aceita e com o objetivo, de atingir a plateia, alcançado. Observo na prática docente a importância da aceitação pelos colegas do que é feito em cena. A turma se orgulha das cenas principalmente quando há uma admiração do público pelo que foi apresentado.

Uma entrevistada perguntou se a experiência tinha que ser positiva. Respondi que não, que poderia ser negativa. Ela contou-me, então, de uma apresentação na sétima série, na qual ela errou sua fala e começou a rir de tão nervosa, mas no final conseguiu contornar a situação: “*Dá para improvisar em cima.*” (Amanda, 15 anos). Chacra fala sobre o caráter improvisacional do teatro, mesmo na obra acabada:

Por mais preparado, ensaiado e pronto, o teatro no grau máximo de cristalização – embora possível de reprodução- ainda assim ele não é capaz de se repetir exata e identicamente do mesmo jeito, por causa do seu fenômeno, cujo modo de ser é a comunicação momentânea, “quente”, ao vivo, e cuja efemeridade leva a um efeito estético também transitório. (CHACRA, 1983, p. 15).

Outro aspecto que observei nas respostas foi a experiência como espectador. Uma das alunas relacionou sua vivência marcante com o teatro com as peças que assistiu quando criança: “*Eu me lembro que quando eu era pequena eu ia bastante ao teatro, com a minha escola, e era aquela festa das crianças com a Branca de Neve. Aí teve uma outra vez, no meu antigo colégio, que a gente foi assistir uma peça chamada Adolescer, era bem legal.*” (Viviane, 16 anos).

A prática de levar a turma ao teatro ou de trazer o espetáculo para dentro da escola é uma vivência extremamente rica e importante para a formação dos alunos, visto que é uma forma de desenvolver o sentido crítico deles:

Um espetáculo é uma ocasião excelente para desenvolver-se o sentido crítico dos alunos (elemento primordial do trabalho criativo), para assistir-se e discutir-se muito, não fazendo das crianças espectadoras passivas e sem critérios. Senão, não há sentido em se levar alguém para ver alguma coisa. E lembrando que é fundamental ao aluno encontrar a sua própria visão, lúcida, consciente e crítica, do que viu. (ABRAMOVICH).<sup>7</sup>

Proporcionar uma experiência cultural pode enriquecer o trabalho desenvolvido na sala de aula e contribuir também para uma formação estética do aluno. Para isso, no entanto, é fundamental que os professores assistam os espetáculos, os filmes ou visitem os museus antes da turma:

---

7 Idem nota 4, p.14.

O professor pode enriquecer essas pesquisas através de vídeos, músicas, espetáculos de teatro, cinema, visitas a museus e a exposições artísticas, passeios e outras atividades culturais que signifiquem ampliação do universo da criança. [...] Tais oportunidades não podem ser escolhidas aleatoriamente, pois que exigem a adoção de critérios. [...] Cabe ao professor, assistir os espetáculos e selecionar o mais adequado aos seus alunos. (SANTOS, 2004, p. 116).

O terceiro ponto dessas respostas foi o das experiências marcantes dentro da aula de teatro. Para uma aluna, o que marcou muito foi a sua superação em um exercício, que ela se lembra até hoje. Ela me contou que era um exercício de emoção, muito difícil, e que ela nunca conseguia alcançá-lo e que, no entanto, quando conseguiu, nunca mais esqueceu.

O fazer teatral, tanto como apresentação de um espetáculo ou a aula de teatro, é sempre um exercício do aqui/agora. É lugar e tempo de repetir, refazer, re-inventar. Cada momento é sempre diferente do anterior e por isso torna-se único:

Compreendo esse espaço [aula de teatro] como lugar de aprendizado de como aprender, de refazer a cada vez. O ensaio, a repetição, a re-presentation ou reapresentação trazem consigo a idéia de que reconstruímos a cada nova ação. [...] A ação do teatro se dá no presente, e a cada momento da aula é preciso lembrar do minuto em que alguma coisa acontece e não volta mais (SPRITZER, 2007, p. 26 e 27).

## CAPÍTULO III

### SABER TEATRAL: FORMAÇÃO DE CONCEITO

*“Ela [professora de teatro] tá passando pra nós essa coisa do Boal, do Brecht, que daí a gente aprendeu várias coisas, como cada um fazia e tal. E também tem o básico: saber se pôr em palco, não ficar de costas para o público, falar alto, fazer ações, se movimentar e tal, várias coisas, até quando a gente fez teatro com texto, que eu achei uma experiência muito difícil, porque todo mundo tentava ir certinho como estava no texto, mas isso também foi mais um aprendizado: saber que tu não precisa ir igual o que tá escrito ali, que tu vai improvisando, tentando fazer. Aprendi bastante coisa.” (Laura, 17 anos).*

Nesse momento da pesquisa gostaria de verificar o que esses alunos acreditam saber de conhecimento em teatro e o que ficou em termos de conteúdo. Para isso perguntei a eles o que acham que aprenderam de teatro.

Muitas respostas foram relacionadas a pontos que eles reconhecem como fundamentais na representação, como em um trecho da fala acima de Laura: *“Tem o básico: saber se pôr em palco, não ficar de costas para o público, falar alto, fazer ações, se movimentar.”*. Outro aluno acrescentou: *“Expressão corporal, posição, procurar não falar muito, fazer mais movimentos.”* (Eduardo, 16 anos). Essas foram percepções gerais trazidas pela maioria dos entrevistados, que provavelmente estão relacionadas aos conteúdos trabalhados em aula, como noções de posicionamento no espaço, equilíbrio entre expressão vocal e corporal, projeção da voz, entre outros.

Viviane, 17 anos, ressaltou a diferença de se expressar no teatro e na vida cotidiana e das maneiras para identificar isso. Na aula frequentemente são trabalhados exercícios focados justamente nessa diferenciação do corpo extra-cotidiano, dessa presença em cena que é diferente da nossa forma de agir diariamente.

Essa mesma entrevistada também falou da interação com a plateia, recentemente descoberta por ela como técnica. O que antes ela achava que era espontâneo e natural, agora tinha um novo sentido: *“Tem aquele negócio do teatro de interagir com o público, que eu achei que fosse uma coisa natural, não que fosse*

*uma técnica, então eu descobri todas essas coisas que eu nem imaginava.*” (Viviane, 17 anos).

Isso pode ser relacionado também com a cumplicidade que se busca com o público, elemento importante da encenação. Um dos exercícios que trabalhei com meus alunos no estágio e que busca essa interação com os espectadores foi de trabalhar com os apartes<sup>8</sup>.

Bruna, 17 anos, também identificou essas características e acrescentou a escuta aos colegas: ouvir mais o outro garante uma cena mais interessante, do que *“ficar todo mundo falando ao mesmo tempo”*, como diz ela. E é bastante comum em oficinas para iniciantes, e até mesmo pude observar isso nas primeiras aulas de atuação do DAD<sup>9</sup>, nas quais os alunos apresentam dificuldade em escutar os outros e assim acabam por falar todos ao mesmo tempo. Ao longo da prática teatral os alunos compreendem a importância de passar o foco para o colega, de não falar todos ao mesmo tempo, de prestar atenção no que é dito para entrar no jogo e na proposta do colega, o que resulta em uma cena mais interessante.

Observei que em algumas respostas havia também termos técnicos apurados da linguagem teatral, como corpo neutro, os três níveis, *clown*, entre outros. No estágio que faço nessa mesma escola percebo que durante a aula esses termos também estão presentes, assim como coxias, boca de cena, proscênio, etc. Sendo este também um resultado de aprendizagem.

A questão teórica também apareceu como novidade aos alunos, considerando que a maioria teve pela primeira vez esse ano contato com pensadores e teóricos teatrais: *“E agora mais esse ano que a gente está vendo isso sobre Boal, Brecht, que antes a gente nunca tinha nem ouvido falar. Daí eu achei legal, porque eu nem sabia que tinha isso, de fazer um teatro diferente, voltado para o que tá acontecendo na sociedade.”* (Milena 16 anos).

Muitos alunos comentaram essa experiência com a teoria do teatro, principalmente de Brecht e Boal, assim como as vivências do Teatro do Invisível, do Teatro do Oprimido e as apresentações do Teatro Fórum na prática. Percebo a

---

8 Segundo Pavis (1999, p. 21), aparte é: “Discurso da personagem que não é dirigido a um interlocutor, mas a si mesma (e conseqüentemente, ao público”).

9 Departamento de Arte Dramática, Instituto de Artes, UFRGS.

relevância de trabalhar também a questão teórica com os alunos, de forma a situar pessoas que foram importantes e que transformaram e influenciaram o fazer teatral atual. Assim os exercícios fundamentados em pensamentos de teóricos podem ser identificados pelos alunos e não só experienciados na prática. Laura se mostra surpresa com a descoberta de que por trás do teatro e dos exercícios de aula houve uma investigação feita por pessoas que queriam transformar a arte:

*“Aí eu entrei e vi que tinha muita coisa, tipo esse ano mais que eu to aprendendo essas coisas de Boal e tal, muita gente estudou sobre isso, a professora trouxe uns vídeos pra aula e coisas diferentes, que eu nem imaginava que tinha essas coisas, eu achei que o professor ia lá, fazia as coisas, tu aprendia, mas não, tem gente que estudou, que inventou o Teatro do Oprimido, essas coisas todas. É muito mais intenso do que eu imaginei que era.”*

Sobre a espontaneidade na cena, outra entrevistada falou: “A gente ficar na peça, tendo tudo marcado, mas ao mesmo tempo agir como se não fosse marcado, como se fosse uma coisa mais natural.” (Thaís. 17 anos). Assim a espontaneidade também passa a ser compreendida de uma forma mais apropriada ao exercício do teatro. Como refere Spolin, 2000, p. 4:

A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descobertas, de experiência, de expressão criativa. [...] É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experienciar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer.

Além dessa percepção geral, cada aluno trouxe particularidades relacionadas com a aprendizagem em teatro. Achei muito interessante que muitos alunos quando questionados sobre o seu conhecimento em termos de conteúdo, relacionaram à aprendizagem de modo geral, que vai muito além da formação de conceito, do conteúdo. Eram percepções de mudanças nas suas vidas, nas suas maneiras de ver as coisas e os outros.

## CAPÍTULO IV

### AS TRANSFORMAÇÕES QUE O TEATRO POSSIBILITA

*“Eu acho que o teatro muda o nosso ponto de vista, não só o modo de tu te expressar, de tu agir com as pessoas, ele muda o teu modo de ver as coisas em geral. Tu vê o mundo com outros olhos, porque uma coisa que tu aprendeu na tua aula, faz tu te lembrar de coisas e tu consegues ter uma outra perspectiva das coisas. Eu acho que o teatro ajuda também muito nisso.” (Mônica, 15 anos).*

Mônica, autora da frase a cima, compreende o teatro como um aprendizado maior, aquele que te transforma como pessoa e que modifica o ponto de vista e a perspectiva das pessoas sobre as coisas. Esse é o teatro transformador, que muda o olhar do aluno/espectador sobre o universo em que se encontra.

Uma outra aluna disse que com o teatro conseguia se colocar mais no lugar do outro, escutar mais o que o outro tem a dizer. Para mim é emocionante ouvir isso de uma aluna, pois vejo que o teatro está cumprindo um papel também social, de mobilização e transformação: “E essa idéia diz respeito à valorização daquilo que é essencial no teatro, o tempo presente, o provisório, a verdade do palco, a capacidade de transformação. E é no ator que se deposita a responsabilidade de transformar-se e transformar.” (SPRITZER, 2007, p. 14 e 15).

Sob esse ângulo, percebo que o trabalho coletivo vivido na experiência teatral transforma o sujeito no sentido de ampliar seu ponto de vista e desenvolver sua capacidade de agir e pensar em relação ao outro. Joana Izabel da Silva (2009, p. 31) reflete sobre a descentração do sujeito:

*É um processo que se desenvolve gradualmente, na medida em que o sujeito passa a conscientizar-se, enquanto indivíduo, e passa a compreender o universo que o cerca como alheio, diferente de si. Portanto, o processo de descentração inicia-se quando o sujeito consegue afastar-se do ponto de vista egocêntrico, rumo ao progressivo reconhecimento em que o indivíduo passa a ser capaz de reconhecer-se enquanto sujeito, de reconhecer o mundo à sua volta, enquanto objeto do seu conhecimento e da sua ação.*

O teatro também foi visto por alguns como uma forma de mudar a relação consigo próprio e com as outras pessoas: *“Desenvolver uma parte tua mesmo, de não ser tão tímida, desenvolver até a relação com as pessoas. Eu nunca fui muito tímida, mas mesmo assim eu consigo ter mais desenvoltura com as pessoas.”* (Patrícia, 17 anos). Sofia também percebeu mudanças na forma de se expressar com os outros:

*“Eu acho que não muito de conteúdo, mas no agir, no palco até, me soltar mais e consequentemente me soltar mais com as pessoas, por me soltar em cena, e isso me ajudou bastante, porque eu era mais tímida, daí eu acabei me expondo mais com as pessoas. Eu também vejo diferença na minha voz, que antes eu falava bem baixinho.”* (Sofia, 17 anos).

É possível aprender e modificar positivamente o trabalho de cada um, a partir da percepção sobre o trabalho dos colegas. A maneira como direciono o meu olhar sobre o trabalho do outro pode resultar em uma modificação positiva na minha atuação e aprimorá-la.

Muitas vezes foi falado da contribuição do teatro no sentido de desenvolver dificuldades pessoais como, por exemplo, a timidez. Grande parte dos alunos observou uma mudança significativa na sua maneira de se posicionar e aprender a lidar com alguma circunstância difícil. Na maioria dos casos a timidez não desapareceu, mas eles conseguiram lidar com ela:

*“Eu perdi meu medo de falar em público, porque eu tinha um trauma de infância, que eu não conseguia ir no quadro escrever, ou representar, quando a professora me chamava eu passava mal literalmente, eu tremia, a minha pressão caía. E daí como eu tinha que fazer teatro, eu tinha que me apresentar. No começo quando tinha que fazer apresentações individuais, improvisações individuais eu não fazia, mas sempre que tinha alguém do meu lado eu já me esforçava mais. E hoje em dia eu não tenho mais esse medo, eu falo com as pessoas sem vergonha nenhuma, antes eu tinha problema até pra atender telefone, agora eu apresento sozinha trabalhos, atendo normal telefone, me ajudou a me soltar mais.”* (Mônica, 15 anos).

Existe também o oposto à timidez, quando o aluno é muito comunicativo e desinibido. Nesse caso o teatro ajudar o aluno a se concentrar e a utilizar a sua desenvoltura a favor da comunicação, da expressão e da criação:

*“Acho que como eu sou muito solta, o teatro de certa forma me controlou, porque eu acho que tu não pode ser solta o tempo inteiro, tu tem que ter um momento de concentração, de parar, de pensar, de te acalmar. O teatro me mostrou isso pra minha vida, que as vezes eu preciso parar, me acalmar, respirar, parar de falar, de me mexer e prestar a atenção, me controlar.”* (Gabriela, 16 anos).

Ou seja, Gabriela percebe que o seu aprendizado em teatro está também relacionado com um desenvolvimento pessoal de concentração e atenção, que além de contribuir para a cena, pode-se também aplicar na vida.

Outra mudança que o teatro possibilita é o entrosamento maior entre colegas, já mencionado de forma mais sucinta anteriormente. Alguns jovens acreditam que a flexibilidade da aula de teatro resulta em uma interação importante entre colegas, pois os alunos começam a ter um contato maior com quem até então não tinham. Desta maneira, o teatro propicia um estreitamento na convivência, já que na prática os exercícios aproximam o grupo: *“Acho que ajuda a tu conhecer mais o grupo e ficar*

*mais integrado, porque às vezes tu tem que apresentar trabalho e tinha pessoas que eu não me dava, mas no teatro a gente era meio que 'obrigado' a ter esse contato.*" (Mônica, 15 anos).

No depoimento de Mônica, assim como no de vários outros entrevistados, foi destacado esse aspecto coletivo da arte teatral, pois o trabalho em conjunto que a cena "exige" acaba criando um envolvimento maior dos participantes e trabalha a capacidade de agir coletivamente. Esta ação coletiva diz respeito à interação entre o grupo e do grupo com a plateia. Privilegia assim o que afirma Brook (2005, p. 26): "O teatro talvez seja uma das artes mais difíceis porque requer três conexões que devem coexistir em perfeita harmonia: os vínculos do ator com sua vida interior, com seus colegas e com o público."

Um aluno acredita que essa interação entre o grupo cria um espaço favorável para o diálogo, proporcionando uma conversa aberta a respeito das cenas. Para ele a avaliação dos exercícios tem um papel fundamental na escuta aos colegas: "*Acho que melhorou o trabalho em grupo, no teatro a gente tem que ouvir bastante os outros, fazer as peças para dar dicas, ouvir também as dicas dos outros.*" (Eduardo, 16 anos).

Acredito que o teatro seja esse lugar de aprender sobre si mesmo e com os outros. A prática da avaliação das atividades promove um espaço de reflexão sobre o trabalho desenvolvido. As sugestões dos colegas são fundamentais no aprimoramento das cenas, pois eles são os espectadores na aula e comentam suas percepções para o crescimento do trabalho. Assim como, mais tarde, o papel se inverte, e quem atuava agora observa atento para contribuir para a cena do outro. Se estabelece, então, uma troca calcada na idéia "de diálogo, de respeito mútuo, de confiança e de cumplicidade." (SPRITZER, 2007, p. 10).

O trabalho do ator profissional, da mesma maneira como o dos alunos-atores, depende do parceiro, do colega, do outro, tanto na contracenação, quanto no olhar de fora da cena. É uma aprendizagem que acontece no coletivo:

A aprendizagem de cada ator deve-se processar em conjunto com a dos outros atores, e, da mesma forma, a estruturação de cada personagem tem de ser conjugada com a das restantes. É que a unidade social mínima não é o homem, e sim dois homens. Também na vida real nos formamos uns aos outros. (BRECHT, 1978, p. 123).



Deste modo, o espectador é aquele que compartilha da cena e do imaginário, completando a encenação através da sua presença. Na sala de aula, as contribuições dos colegas aparecem na forma de sugestões e esclarecimento se o que os atores tinham intenção de comunicar foi entendido pelo público:

Desta forma, além de companheiros de uma viagem signica, isto é, de uma experiência tecida em uma linguagem com poder de atribuir sentido que transcende à linguagem verbal, os alunos de uma mesma turma podem vir a ser também participantes e testemunhas do movimento intenso e singular que caracteriza o processo de criação de cada um. (MACHADO).<sup>10</sup>

Nesse momento da avaliação acredito na importância do papel do professor. Ele se encontra como um mediador entre os atores e o público, no qual deve buscar uma análise das cenas e do trabalho apresentado que vá além de julgamentos de 'bom' ou 'ruim'. Uma forma possível de fazer isso talvez seja uma conversa com os espectadores de analisar o que ficou claro, o que é interessante de ser visto. Na percepção de Spolin (2000, p.7):

A expectativa de julgamento impede um relacionamento livre nos trabalhos de atuação. Além disso, o professor não pode julgar o bom ou o mau pois que não existe uma maneira absolutamente certa ou errada para solucionar um problema: o professor rico em experiências, pode conhecer uma centena de maneiras diferentes para solucionar um determinado problema, e o aluno pode aparecer com a forma cento e um, que o professor até então não tinha pensado. Isto é particularmente válido nas artes.

Os entrevistados também reconhecem um crescimento no trabalho dos colegas em relação à aula de teatro. Muitos conseguem perceber uma modificação positiva no momento de apresentação de trabalho nas outras disciplinas, como observa Sofia: "A maioria verbalmente se expressa melhor, quem faz teatro, da pra perceber isso em trabalho de história e aulas, que vão lá na frente falar. Eles têm uma facilidade verbal, de se expressar melhor do que os outros, principalmente oralmente.". Milena também percebe que o teatro ajudou não só na sua timidez, mas na dos colegas também:

*"Ajuda na timidez, na hora de apresentar trabalho ou às vezes a gente tem que ler texto quando o professor pede. Às vezes ele pede 'Façam uma coisinha como era antigamente, na aula de história, façam um trabalho e mostrem como era os escravos ali, representem'. Daí tu vê quem não faz teatro, porque fica muito preocupado, não fala direito. Com o teatro tu fica mais solta até pra falar."*

Na percepção de avanços ainda sob o olhar dos alunos em relação aos colegas, Mônica consegue ter uma visão ampla das modificações:

*“Eles [os alunos que fazem teatro] parecem mais espontâneos, eu acho que eles parecem sempre mais preparados pra isso [apresentação de trabalhos], porque já tem um contato. E o teatro é uma forma de trabalhar a exposição, então como eles já trabalham isso, na hora de apresentar um trabalho ou coisa assim, é até melhor, porque no teatro em si tu estás muito mais exposto do que em um trabalho. [...] Então eu acho que ajuda por isso, porque ajuda a ser mais expressivo e mais espontâneo.”*

De maneira geral, os alunos conseguem perceber modificações pessoais, sobre melhorias na forma de se expressar e de comunicar, a partir do teatro, assim como verificar no outro as mudanças conquistadas: *“Eu acho que no teatro tu consegue te expressar melhor, falar mais no geral. Eu acho que tem uma ou outra exceção, mas no geral os alunos do teatro são os que sabem falar mais e melhor.”* (Viviane, 17 anos).

## CAPÍTULO V

### O QUE MUDOU NO MEU PENSAMENTO SOBRE TEATRO?

*“Eu imaginava que teatro era decorar peça e apresentar para os outros, essa era a minha idéia. Agora eu acho que teatro é uma coisa que tu atribui para a tua vida, que muda a tua relação com as pessoas e antes eu achei que era só decorar e apresentar.” (Patrícia, 17 anos).*

É comum em diversas circunstâncias termos opiniões prévias de alguma coisa que não conhecemos, mas que de alguma maneira já temos um pré-conceito sobre elas.

No teatro não seria diferente. Me instigava saber o que os alunos entrevistados achavam que era teatro antes de realmente vivenciá-lo. Foi então que perguntei o que eles achavam que era teatro e se algo mudou depois das aulas.

Praticamente todas as respostas foram que a opinião deles mudou. A maioria relacionava a noção de teatro a ler textos e roteiros, decorar falas e a montagem de uma peça. Muitos entrevistados se surpreenderam ao começar a aula de teatro e se deparar com inúmeros jogos e exercícios:

*“Eu nunca imaginei que tivesse esses jogos preparatórios que a gente faz antes, essa coisa de passar a energia, pular, caminhar, corpo neutro, essas coisas. Eu não imaginava que existia, eu não imaginava que tinha que ter toda essa concentração. Na verdade quando eu entrei eu achei que fosse bagunça e tal. Eu achava que a gente chegava, que a professora vinha com um texto, uma peça e a gente lia e fazia. Eu achei que era só isso e é muito mais que isso. Tem essas brincadeiras que ajudam a gente a se soltar, se integrar com os outros colegas. É isso que eu achava que era e eu vi que tem muito mais do que um simples texto, uma folha onde tu lê e depois interpreta tudo que está escrito. Tu pode criar uma peça que tu quiser, pode ter uma peça pronta e fazer uma adaptação em cima dela, são vários recursos.” (Gabriela, 16 anos).*

Para Gabriela, assim como para outros alunos, essa surpresa foi muito positiva, porque compreenderam o teatro como um processo maior, que precisa de uma preparação e de uma integração, antes de chegar ao palco: *“Daí eu achei que [a aula de teatro] era uma peça que a gente tivesse que ensaiar e fazer, mas não. É um processo bem diferente, é bem divertido, mais divertido, não é só aquela ‘decoreba’.” (Sofia, 17 anos).*

Ao mesmo tempo, havia uma motivação de outros estudantes em relação ao texto, a decorar falas e apresentar uma peça. Como a maioria dos entrevistados

imaginava ser esse o formato da aula de teatro, alguns alunos criaram uma expectativa em relação a isso, como fala Thaís, 17 anos: *“A gente nunca trabalhou com texto, eu sempre quis muito trabalhar com texto.”*. Mônica também apresenta um interesse relacionado à montagem de um espetáculo com *“tudo que se tem direito”*: *“Eu gostaria de ter uma experiência de saber como é, de estar no teatro, com figurino, iluminação, cenário, texto, essas coisas, porque é uma coisa que a gente não tem muito aqui.”*.

Independente do ponto de partida, texto, caracterização ou exercícios de improvisação, quem constrói a linha do trabalho é o ator. Desse modo, qualquer que seja o instrumento para o desenvolvimento do trabalho será com base no trabalho de criação do ator. Brook (2005, p. 12) colabora com esta idéia ao afirmar que: *“Para fazer teatro somente uma coisa é necessária: o elemento humano. Isso não significa que o resto não tenha importância, mas não é o principal.”*.

Acredito que a escolha de alguns professores pelo trabalho cujo foco principal é no jogo para desenvolver a criação de cena, que falam as alunas Gabriela e Sofia, seja por dois motivos. O primeiro é pelo jogo ser realmente um preparatório, principalmente para os iniciantes, e que abre as possibilidades de criação, de imaginação e contracenação.

Penso que o outro motivo seja uma tentativa de romper com aquele teatro antigo, que supervalorizava o texto, na qual havia pouco espaço para a criatividade e que o artista principal era o autor. Roubine (1982, p. 43) fala da época (séc. XVII) em que havia uma tradição de sacralização do texto:

A maior valorização beneficia aquelas formas teatrais que repousam sobre um domínio exclusivo do texto (tragédia, alta comédia, etc.). [...] O trabalho do ator, cuja arte e aprendizagem terão como enfoque central a problemática da encarnação de um personagem e da dicção, supostamente justa, de um texto.

Atualmente, o que aparece em alguns momentos é que se foi para o outro extremo, e o texto passa a ficar em um dos últimos planos. No entanto, acredito na importância de um equilíbrio, no qual haja espaço tanto para a improvisação, construção de personagem, jogos, quanto para o texto, pois tudo isso é uma soma que contribui para o trabalho do ator.

Outros entrevistados imaginavam que a aula seria só diversão e que agora compreendem o teatro como um divertimento com compromisso, com regras. Como na fala dessa aluna:

*“Eu achei que teatro era uma coisa muito mais simples, que era só chegar, ter o texto e ir ou improvisar. Mas daí eu vi que não, que tem várias técnicas, vários jeitos. [...] Eu achei que ia ser só diversão. Eu acho que é, mas eu vejo que é uma diversão que tem que ter comprometimento, tem que ser mais sério, momentos...”* (Viviane, 17 anos).

Achei interessante a fala dessa aluna quando, após dois anos de teatro, ela percebe que ele vai além do espontâneo, da criação livre, do improvisar, e que reconhece um trabalho também técnico no teatro.

Laura pensava que o teatro a deixaria mais desinibida, entretanto observou um resultado maior:

*“Na verdade o que eu esperava de teatro antes era ficar mais desinibida. Agora eu provei a arte como é, eu comecei a fazer e foi muito legal. Foi muito mais do que eu esperava que era, porque na verdade quando tu entra no teatro tu pensa que é novela, eu imaginava que era pra fazer novela, mas não, é muito complicado. [...] É muito mais intenso do que eu imaginei que era.”*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que importa é a verdade do momento presente, a convicção absoluta que só pode surgir quando o intérprete e o público formam uma só unidade. E ela aparece quando as formas transitórias atingem seu objetivo e nos levam àquele momento único e irrepetível em que uma porta se abre e a visão se transforma.” (BROOK, 2005, p. 81)

Esse estudo partiu da minha motivação em dar escuta aos alunos sobre questões relacionadas à aula de teatro e verificar de que maneira isso repercute na relação de ensino e aprendizagem.

Durante a pesquisa, a cada nova entrevista realizada com os alunos aumentava a minha inquietação em continuar experimentando essas descobertas. Com esse estudo, a partir do que os alunos me diziam, tive a oportunidade de repensar o trabalho do professor e ver a aula de teatro de um outro ponto de vista.

Fui surpreendida diversas vezes com respostas que nunca imaginava escutar e que acabaram por superar as minhas expectativas. Nunca pensei que fosse escutar de um aluno que o aprendizado em teatro é algo que pode atribuir para tua vida, que muda a tua perspectiva sobre as coisas.

Nas conversas com os entrevistados pude perceber que por inúmeras motivações os alunos estão no teatro, seja por verem nele uma possibilidade de superação, ou pelo divertimento, ou pelo lúdico, ou por tantos outros motivos.

Assim como descobri que todos os entrevistados reconhecem que no teatro existe um conteúdo e não é só uma diversão sem proposta. Além disso, a maioria deles percebe um aprendizado maior, que de alguma maneira transforma a eles próprios e proporciona a eles poder transformar.

Na aula de teatro também é possível modificar as relações, pois é um espaço que proporciona uma aproximação entre as pessoas, na qual também é possível olhar para o outro e ter um outro ponto de vista sobre as pessoas.

É possível fazer um paralelo ao que Brook fala no trecho acima. Para o teatro, na mesma medida que para a aula de teatro, o importante é a verdade e que nos leva “[...] àquele momento único e irrepetível em que uma porta se abre e a visão se transforma.”. Observei que o teatro de alguma forma “abriu as portas” e transformou

esses alunos. Assim como percebo que esse estudo também abriu as portas do meu pensamento e me possibilitou pensar e entender a aula de teatro de outras perspectivas.

No início desse trabalho me surgiram inúmeras inquietações e dúvidas relacionadas a essa pesquisa. Perguntava-me constantemente se esse estudo, que a mim tanto instigava, era relevante de ser feito, se para mais alguém serviria. Ao iniciar as entrevistas, ainda tomada por essas inseguranças e dúvidas, foi que obtive nas palavras de uma aluna a resposta que precisava:

*“Eu acho muito legal essa coisa de ouvir o aluno, porque as coisas mais legais que foi pra mim, mais marcante, foi quando os professores nos ouviram e fizeram aquilo que a gente queria fazer; porque de uma certa maneira se tu fizer uma coisa contrariado, tu nem faz direito. E no teatro se um erra ou não faz direito, o outro também não consegue fazer. Eu acho que no teatro é uma coisa muito recíproca, tem que estar todo mundo agindo junto.” (Patrícia, 17 anos).*

Escutei nas entrevistas e na avaliação final feita no estágio em docência com alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, no qual faço parte, como eles se sentiam bem sendo ouvidos. Muitos disseram que pela primeira vez havia uma preocupação com o que eles desejavam e que isso torna a aula muito mais interessante e instiga mais o aprendizado.

Para mim essa escuta aos alunos é fundamental na aula de qualquer disciplina, pois é uma oportunidade de troca, na qual todos os lados saem beneficiados. O professor por saber o que interessa o aluno, por poder transformar o aprendizado em algo atraente e assim certamente ter uma turma mais interessada e disposta, e os alunos por terem suas inquietações e vontades escutadas, com possibilidade do trabalho em aula ser relacionado com seus interesses e assim o aprendizado ser mais interessante.

Desta maneira, penso que é importante equilibrar os interesses de todos os envolvidos: escola, professores, alunos, para assim o crescimento ser conjunto.

Nesse espaço do trabalho, reservado às considerações finais, quero ressaltar a dimensão do que eu escutei nessas conversas e do que repercutiu em mim esse estudo. Tomada por tantas dúvidas, vontades e inquietações maiores que essa investigação me possibilitou, acredito ser este um ponto de partida para um novo estudo, no qual eu possa continuar dando escuta aos alunos e olhando para o teatro a partir de novos pontos de vista.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Teatro na educação** – o que é, afinal? Disponível em: <<http://www.wooz.org.br/teatroeducacao.htm>>. Acessado em: 15 de nov. 2010.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BROOK, Peter. **A porta aberta**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo**. São Paulo. Hucitec, 2006.

DUARTE, João Francisco Jr. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro: e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HERNANDÉZ, Fernando. **Catadores de cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. Campinas: Papyrus, 1989.

MACHADO, Celéia. **Aula de Teatro é Teatro?** - Revista Digital Art& - ISSN 1806-2962 - Ano V - Número 07 - Abril de 2007.



PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, Representar: Práticas Dramáticas e Formação**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A Linguagem da Encenação Teatral: 1880-1980**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SANTOS, Vera Lucia Bertoni. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SILVA, Joana Izabel da. **Misterioso, mas não indecifrável: um estudo sobre a aprendizagem na iniciação teatral**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Departamento de Arte Dramática, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SPRITZER, Mirna. **A formação do ator: um diálogo de ações**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.